

UMA ANÁLISE FREIRIANA NA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: ATIVIDADES PRÁTICAS NA SORRI

Elaira Adriana Santos Garcia, João Vitor Duarte Coelho, Stella Camille da Silva, Gabriel Henrique dos Santos Ferreira, Roberto Gomes Monção Junior.

¹ Universidade do Vale do Paraíba/Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento, Avenida Shishima Hifumi, 2911, Urbanova - 12244-000 - São José dos Campos-SP, Brasil, elaira47@gmail.com, duartecoelho16@gmail.com, stellacamille443@gmail.com, bielhenrique.sjk@gmail.com, roberto.moncao@univap.br

Resumo

O presente artigo tem como objetivo apresentar uma análise embasada nas contribuições teóricas de Paulo Freire (1987) (1996) para a educação, especialmente no que concerne à educação libertadora a partir de uma pesquisa-ação, com as experiências vivenciadas por discentes do sétimo período do curso de História da Universidade do Vale do Paraíba (UNIVAP), no que diz respeito à ação de Prática de Extensão Transdisciplinar Universitária na Instituição Sorri em São José dos Campos-SP, que atende PCDs entre quatorze e cinquenta e nove anos. Destaca-se a importância de compreender o contexto histórico e social no qual educadores e educandos estão imersos, ressaltando a necessidade de uma prática educativa democrática que valorize a participação dos estudantes e a diversidade cultural. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, descritiva e exploratória que se volta para a discussão da Extensão Universitária pautadas nas obras freirianas. Entende-se que há uma relação dialógica entre a teoria freireana e práxis vivenciadas nas ações resultantes da Extensão Universitária.

Palavras-chave: Extensão Universitária, Educação Libertadora, Memória Coletiva

Área do Conhecimento: Ciências Humanas - História

Introdução

É indubitável que as universidades brasileiras devem estar pautadas em três dimensões diferentes, o ensino, a pesquisa e a extensão, especialmente quando se trata das relações internas com a sociedade. O parecer CNE/CES n° 608/2018, aprovado em 3 de outubro de 2018 delimita a extensão como uma função essencial da universidade, mas que está condicionada a diferentes concepções e práticas. O parecer caracteriza três abordagens diferentes, sendo elas:

[...] a posição assistencialista, que se caracteriza pelo atendimento às demandas sociais por intermédio da prestação de serviços à comunidade; a dimensão transformadora, na qual as relações entre universidade e sociedade são dialógicas e buscam a transformação social, e, mais recentemente, o entendimento de que as demandas, advindas da sociedade, são tomadas como novas expectativas de serviços que a sociedade demanda da universidade. (CNE, 2018. p. 4)

Compreende-se, assim, que a universidade deve estar disposta a deixar os interiores de seus muros e se integrar à sociedade aplicando a teoria na práxis (Freire, 2014) sanando questões sociais onde necessário, seja com atividades culturais, atendimentos na área da saúde, fomentação de debates com a sociedade, dentre outras possibilidades de atividades a serem realizadas.

Visto isso, os alunos do sétimo período do curso de História da Universidade do Vale do Paraíba (UNIVAP), durante a disciplina de Práticas de Extensão Transdisciplinar, desenvolveu uma atividade na Organização da Sociedade Civil (OSC) Sorri, em São José dos Campos, que atende pessoas com deficiência (PCDs) entre quatorze e cinquenta e nove anos. A atividade se caracterizou por um jogo da memória com objetivo de entrelaçar a história do município com lugares e marcos históricos com a experiência individual de cada integrante da Sorri.

O jogo da memória é uma atividade lúdica e educativa, amplamente reconhecida por seus benefícios no desenvolvimento cognitivo, especialmente em pessoas com deficiências. Segundo Cunha & Souza (2021, p. 674): “o jogo da memória se vale dos processos de associação de imagens a partir da lembrança das mesmas, em instantes sucessivos e de curto prazo pelos estudantes”. O

objetivo do artigo é refletir por meio das teorias freirianas da Pedagogia do Oprimido (1996) e da autonomia (1987), como atividades lúdicas podem resultar em práxis pedagógicas exitosas nas ações resultantes da Extensão Universitária no que concerne ao ensino de História (patrimônio, pertencimento, memória social e coletiva)

Metodologia

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, descritiva e exploratória que se volta para a discussão da Extensão Universitária pautada nas obras freireanas, utilizando-se de metodologias ativas para a melhor compreensão do processo de ensino-aprendizagem. Também se trata de uma revisão bibliográfica de autores que abordam a questão da educação e extensão, como “Pedagogia da Autonomia” (1987) e “Pedagogia do Oprimido” de Paulo Freire (1996), “O saber histórico na sala de aula” de Circe Bittencourt (1998).

Em relação às metodologias ativas foi elaborado o jogo da memória. Para sua confecção, foram utilizados papelão, cola, tesoura e imagens sobre lugares conhecidos de São José dos Campos com suas histórias, sendo 10 figuras e 10 descrições de cada área. Para a aplicação do jogo, foi necessário a apresentação do grupo, do objetivo e das regras aos participantes, a divisão deles em duplas e a distribuição das peças do jogo com acompanhamento dos organizadores no suporte.

A ação extensionista embasou-se na práxis do método pesquisa-ação colaborativa, que por sua vez teve por objetivo realizar as dinâmicas da extensão com o auxílio dos docentes da universidade, assim como os autores deste artigo, oportunizando uma ação transformativa, utilizando-se do jogo da memória como ferramenta lúdica e educativa.

Resultados

O Jogo da Memória é um instrumento educativo frequentemente empregado em ambientes de aprendizado. Sua integração com diversas disciplinas pode ser um recurso valioso para facilitar o processo de ensino-aprendizagem, abrangendo faixas etárias variadas e adaptando-se também para crianças e adultos com diferentes tipos de deficiência. Para a execução do Jogo da Memória no Projeto de Extensão proposto, foi feito o uso de materiais recicláveis em sua maioria, como papel adesivo, papelão, cola branca, tesoura e estilete. Selecionamos locais históricos ou de grande atratividade no município, frequentados pela maioria da população, para a criação do jogo, como se pode observar na figura 1 e 2:

Figura 1: Capa do jogo da memória.



Fonte: Autores (2024)

Figura 2: Verso do jogo da memória



Fonte: Autores (2024)

A aplicação ocorreu na Organização da Sociedade Civil (OSC) Sorri, em São José dos Campos, que atende PCDs entre quatorze e cinquenta e nove anos. O objetivo do jogo foi identificar os pares de imagens, relacionando-os com as descrições fornecidas pelos integrantes da OSC.

Neste sentido, foram propostas três ações que foram desenvolvidas pelo grupo extensionista ao público do território, conforme explica a tabela abaixo:

Tabela 1: ações desenvolvidas pelo grupo

Ação 1	Ação 2	Ação 3
Aplicação do jogo da memória com lugares de São José dos Campos	Reconhecimento dos espaços que estão no jogo	Discutir o pertencimento das pessoas em relação ao espaço com base nos relatos.

Fonte: Autores (2024)

De acordo com o supracitado, para garantir uma aplicação eficaz do jogo, primeiramente foram apresentados os locais escolhidos que compuseram o jogo no auditório da Sorri. Em seguida, perguntou-se aos alunos se já haviam visitado ou conheciam esses locais. Para aqueles que não estavam familiarizados, foram explicadas as características de cada lugar, incentivando-os a compartilharem suas próprias experiências. Um dos desafios enfrentados foi a presença de não alfabetizados, mas essa questão foi contornada com a ajuda dos colegas que leram as informações em voz alta e descreveram algumas das figuras presentes no jogo.

Da quantidade geral de participantes, em uma média de 35, a sala foi dividida em grupos menores. No grupo em questão, ficaram 6 alunos, permitindo que cada um escolhesse sua dupla para iniciar o jogo. Os discentes da extensão prestaram suporte para cada equipe, auxiliando em possíveis dificuldades.

Figura 3: Alunos da Sorri praticando a ação 1



Fonte: Autores (2024)

O objetivo proposto foi alcançado visto que cada aluno ao final da atividade conseguiu identificar o local e as descrições com auxílio dos discentes da extensão, mesmo que os integrantes da OSC não tivessem visitado e frequentado os lugares do jogo. Todas as ações que foram propostas pelo grupo foram alcançadas por meio da escuta das narrativas orais que foram testemunhadas pelos usuários da OSC Sorri.

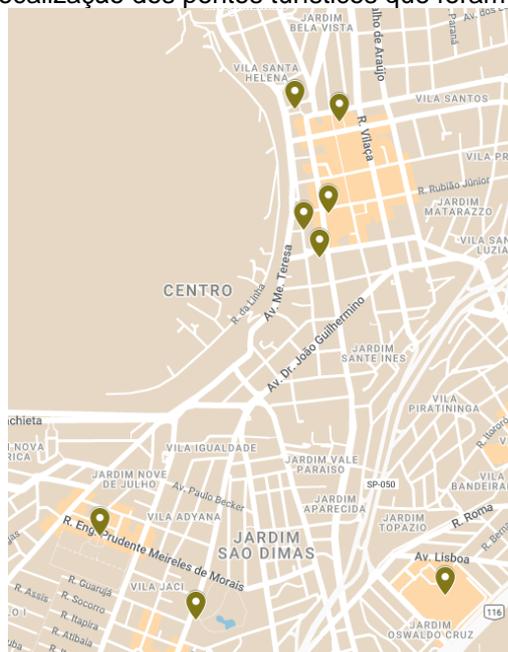
Figura 4: Alunos da Sorri praticando a ação 2



Fonte: Autores (2024)

A partir dos lugares utilizados no jogo da memória, como o Parque Vicentina Aranha, Parque Santos Dumont, Museu Municipal, Mercado Municipal entre outros, foram discutidos os sentimentos de pertencimento e a frequência em que estes obtiverem nesses lugares, também os empecilhos referentes à acessibilidade que encontraram nos pontos turísticos e históricos propostos no jogo. Outro fator de importância a se pensar em relação à acessibilidade dos locais, é o espaço geográfico, visto que a localização influencia na mobilidade urbana, tempo de transporte, fatores econômicos, dentre outros.

Figura 5: Localização dos pontos turísticos que foram trabalhados



Fonte: Google Maps (2024)

A não-frequência dos membros da OSC Sorri nos espaços citados acima apontam alguns problemas, como a dificuldade no transporte público devido ao custo das passagens, disponibilidade de um responsável para acompanhamento e dificuldades individuais dos participantes da dinâmica. Outro fator importante, é a divulgação destes lugares como espaços de lazer e cultura, em meios que sejam acessíveis e disponíveis para todos.

A partir dos relatos dos membros da Sorri, foi possível perceber a não identificação com os lugares utilizados no jogo da memória. Muitos só conheciam os lugares utilizados no jogo, ou pela televisão ou pela internet. Isso explicita a falta de identificação com o patrimônio edificado da cidade enquanto cidadãos joseenses, visto que o único espaço a qual eles se familiarizam é a Sorri e o seu próprio bairro.

Em relação ao conceito de identidade ou memória coletiva, Maurice Halbwachs (1990, p. 26) aponta a respeito que “[...] nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimento nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nos vimos”. Diferentemente do que o autor disserta, os integrantes da OSC a partir dos seus relatos, não puderam construir uma memória coletiva, em relação aos espaços utilizados no jogo da memória.

A historiadora Valéria Zanetti (2009), ao discorrer sobre memória e identidade, irá recorrer ao filósofo Friedrich Nietzsche (2005) que explicita brevemente sobre estes quesitos, ao afirmar que não é possível construir identidade sem a memória.

Não se constrói identidades sem memória. A memória pode ratificar ou retificar uma identidade. Sem memória de si, a identidade não tem fundamentos para se comportar no grupo. Sem memória de si, não é possível identificar nem tão pouco diferenciar. Isso significa que a memória não é um atributo ou capacidade isolada de um indivíduo, mas uma construção social. (Nietzsche, 2005 apud Zanetti, 2008, p. 176).

Diante dos desafios enfrentados pelos membros da OSC Sorri, em participar de espaços culturais e de lazer na cidade de São José dos Campos, torna-se evidente a importância da memória e da identidade na formação de uma comunidade coesa e inclusiva. Os relatos dos membros revelam uma desconexão entre eles e os locais apresentados no jogo da memória, impossibilitando a memória coletiva, refletindo uma falta de identificação com a cidade em que vivem. Portanto, para fortalecer a identidade e a coesão social, é essencial reconhecer e valorizar a importância da memória na formação de uma comunidade inclusiva. Será somente por meio do reconhecimento e da valorização das experiências e memórias de todos os seus membros, que uma comunidade pode verdadeiramente se afirmar, fortalecer e expressar sua cidadania a partir de sua presença nestes espaços culturais, lazer, históricos e turísticos que reafirmam o sentimento de pertencimento à cidade que vivem.

Discussão

Os conhecimentos de Freire (1996) têm sido importantes para a educação, especialmente em relação ao contributo de sua obra, no que tange sobre a educação libertadora. Segundo Gadotti (2012, p. 1) a educação é um fenômeno complexo, composto por um grande número de correntes, vertentes, tendências e concepções, enraizadas em culturas e filosofias diversas. Dito isso, é preciso entender o contexto histórico em que o educador e o educando estão inseridos, no que se refere à Pedagogia Social.

Uma educação eficaz é aquela que preza pela democracia. Nesse sentido, o conceito de educação como prática da liberdade, como aponta Paulo Freire (2014), preza pela participação dos estudantes, da consideração de seus conhecimentos prévios e da valorização de suas culturas, a fim de construir um saber rico e diverso.

É preciso, sobretudo, e aí já vai um destes saberes indispensáveis, que o formando, desde o princípio mesmo de sua experiência formadora, assumindo-se com o sujeito também da produção do saber, se convença definitivamente de que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção. (Freire, 1996, p. 13)

Com base no descrito acima, Circe Bittencourt (1998) aponta que “[...] grupos sociais oriundos das classes trabalhadoras começaram a ocupar os bancos que, até então, haviam sido pensadas e organizadas para setores privilegiados ou da classe média ascendente.” Na década de 70, os conteúdos que compunham os currículos escolares, na prática se assemelha com o que, Freire (2022) trabalha em sua obra sobre conceitos de educação bancária, esta que:

[...] deforma a necessária criatividade do educando e do educador, o educando a ele sujeitoado pode não causar do conteúdo cujo “conhecimento” lhe foi transferido, mas por causa do processo mesmo de aprender, dar, como se diz, na linguagem popular, a volta por cima e superar o autoritarismo e o erro epistemológico do “bancarismo” (Freire, 1996, p. 14).

A educação libertária não é o ato de depositar, ela não considera informes nos educandos, além de também não ser a perpetuação de valores de uma cultura já estabelecida.

Esta contradição, quando tratamos da educação bancária, que quando explorada, se revela uma educação de preceitos neoliberais pautados na formação acrítica, não-material e com o objetivo final de formar mão de obra para o mercado. Este tipo de formação acrítica, visa principalmente a manutenção do status quo ao não permitir que o aluno seja capaz de, não somente interpretar sua própria realidade, mas, acima de tudo, mudá-la.

Tendo em vista os resultados obtidos e a discussão feita acima, cabe analisar o conceito de teoria e práxis proposto por Paulo Freire (1987) a partir de Volnei Fortuna (2016) e a aplicação do jogo da memória na OSC Sorri. Com isso:

Na concepção de Freire, teoria e prática são inseparáveis tornando-se, por meio de sua relação, práxis autêntica, que possibilita aos sujeitos reflexão sobre a ação, proporcionando educação para a liberdade. “A práxis, porém, é reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo. Sem ela, é impossível a superação da contradição opressor-oprimido” (Freire, 1987, p. 38 apud Fortuna, 2016. p. 65).

A práxis, assim sendo, seria a reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo. Traçando um paralelo ao jogo da memória proposto como a ação do grupo extensionista, a aplicação prática se tornou fundamental para entender como funciona a dinâmica, e compreender, a partir das pessoas com deficiências, o acesso que estes têm à cidade e ao conhecimento sobre a própria cidade em que vivem no âmbito urbano, revelando-se questões segregacionistas que envolvem o não-pertencimento ao patrimônio material e imaterial na cidade de São José dos Campos.

Conclusão

A aplicação do jogo da memória na OSC Sorri, em São José dos Campos, foi de suma importância para todas as partes envolvidas. Desde o grupo extensionista, que devido à produção de materiais acessíveis de teor histórico e patrimonial em conjunto com às vivências dos participantes da instituição, puderam aprimorar suas didáticas se adaptando ao público-alvo, até a própria instituição que pôde experimentar novas experiências.

Para os alcançados pela ação, o objetivo que foi proposto chegou a ser atingido da forma que o grupo esperava. Os integrantes da OSC Sorri demonstraram um interesse significativo pela proposta do jogo da memória e conseguiram desenvolver a atividade de forma positiva. Dos lugares que foram selecionados para serem as “cartas” do jogo, nenhum participante conhecia todas as imagens.

Torna-se válido ressaltar que o objetivo que guiou a elaboração deste projeto de extensão foi a compreensão sobre a experiência dos participantes nos lugares turísticos e históricos apresentados no jogo no que tange à acessibilidade. Com isso, pode-se dizer que a teoria de Paulo Freire (1996. 1987) conseguiu ser posta em prática, trazendo a relação entre “teoria e práxis” sendo nítido a compreensão entre a teoria que foi pautada neste artigo com o resultado final, a aplicação do jogo junto às pessoas com deficiência atingidas pela instituição.

Referências

BITTENCOURT, Circe. “Livros didáticos entre textos e imagens”. In: BITTENCOURT, Circe. (org.). O saber histórico na sala de aula. 2ª. e.d. São Paulo: Contexto, 1998.

BRASIL, Ministério da Educação. Parecer CNE/CES nº 608/2018. Disponível em: https://normativasconselhos.mec.gov.br/normativa/view/CNE_PAR_CNECESN6082018.pdf?query=Educa%C3%A7%C3%A3o%20Infantil. Acesso em: 12. abr. 2024.

CUNHA, João Carlos Leal; DE SOUZA, Edmilson. O jogo da memória como recurso pedagógico. **Revista Brasileira de Ensino de Ciências e Matemática**, v. 4, n. 2, 2021.

FORTUNA, Volnei. A relação teoria e prática na educação em Freire. **Revista Brasileira de Ensino Superior**, v. 1, n. 2, p. 64-72, 2016.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996. – (Coleção Leitura)

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 1987. – (Coleção Leitura)

GADOTTI, Moacir. Extensão universitária: para quê. **Instituto Paulo Freire**, v. 15, n. 1-18, p. 1, 2017.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais Ltda, 1990.

ZANETTI, Valéria. **Cidade e identidade: São José dos Campos do peito e do ares**. Tese (Doutorado em História Social), São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, 2008.